


**DETERMINANTES SOCIAIS, ESTRUTURAIS E AMBIENTAIS DA DEPENDÊNCIA  
QUÍMICA E SEUS IMPACTOS EPIDEMIOLÓGICOS, PSICOSSOCIAIS E  
ASSISTENCIAIS NO CONTEXTO DA SAÚDE COLETIVA**

**SOCIAL, STRUCTURAL, AND ENVIRONMENTAL DETERMINANTS OF CHEMICAL  
DEPENDENCY AND ITS EPIDEMIOLOGICAL, PSYCHOSOCIAL, AND HEALTH CARE  
IMPACTS IN THE CONTEXT OF PUBLIC HEALTH**

**DETERMINANTES SOCIALES, ESTRUCTURALES Y AMBIENTALES DE LA  
DEPENDENCIA QUÍMICA Y SUS IMPACTOS EPIDEMIOLÓGICOS, PSICOSOCIALES Y  
ASISTENCIALES EN EL CONTEXTO DE LA SALUD COLECTIVA**

 <https://doi.org/10.56238/arev7n12-168>

**Data de submissão:** 16/11/2025

**Data de publicação:** 16/12/2025

**Cesário Monteiro Ruas**

Mestrando em Enfermagem

Instituição: Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ)

E-mail: cesarioruas07@gmail.com

**Flávio Carlos Ruy Ferreira**

Especialista em Saúde da Família

Instituição: Fundação Educacional de Fernandópolis (FEF)

E-mail: flaviocarlosferreira@hotmail.com

**Andressa dos Santos Maldonado**

Especialização em Planejamento e Gestão em Saúde

Instituição: Faculdade Holística (FaHol)

E-mail: andressa.maldonado@hotmail.com

**Wesley dos Santos Borges**

Mestre em Educação

Instituição: Universidade Estadual de Maringá (UEM)

Endereço: Maringá - PR, Brasil

E-mail: wesley.borges@ub.edu.br

**Eduardo Felix Machado**

Mestre em Ciências Ambientais

Instituição: Universidade Brasil (UB)

Endereço: SP, Brasil

E-mail: eduardo.machado@ub.edu.br

**André Wilian Lozano**

Mestre em Enfermagem

Instituição: Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto (FAMERP)

E-mail: lozanoenf@gmail.com

**Priscila Cristina Oliveira Zignani Pimentel**

Doutora em Engenharia Biomédica  
Instituição: Universidade Brasil (UB)  
E-mail: prizignani.pimentel@gmail.com

**Ana Paula do Prado Cardoso de Souza**

Mestre em Enfermagem  
Instituição: Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto (FAMERP)  
E-mail: appcardososouza@gmail.com

**Patrícia Michelassi Carrinho Aureliano**

Doutora em Engenharia Biomédica  
Instituição: Universidade Brasil (UB)  
E-mail: patricia.aureliano@ub.edu.br

**Alessandra de Lourdes Ballaris**

Doutora em Agronomia  
Instituição: Universidade Estadual Paulista (UNESP)  
E-mail: Alessandra.ballaris@ub.edu.br

**Glauber Menezes Lopim**

Doutor em Neurociências  
Instituição: Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP)  
E-mail: glauberlopim@gmail.com

**Vinicius de Lima Lovadini**

Doutor em Ciências  
Instituição: Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo (USP)  
E-mail: viniciuslovadini@hotmail.com

---

## RESUMO

A dependência química configura-se como fenômeno complexo influenciado por determinantes sociais, estruturais e ambientais que moldam vulnerabilidades ao longo do ciclo de vida. A literatura evidencia que desigualdades socioeconômicas, discriminação racial, precarização do trabalho, ambientes socialmente tóxicos e limitações de acesso aos serviços de saúde influenciam padrões de uso e agravamento de agravos associados ao consumo de substâncias psicoativas. Diante da relevância epidemiológica e assistencial desse cenário, este estudo teve como objetivo identificar determinantes sociais, estruturais e ambientais vinculados à dependência química e seus impactos na saúde coletiva. Trata-se de uma revisão narrativa da literatura, realizada por meio de buscas nas bases SciELO, PubMed/MEDLINE, LILACS, BVS e Google Scholar, incluindo estudos publicados entre 2002 e 2025. A análise dos sete estudos selecionados mostrou que vulnerabilidades sociais, comorbidades psiquiátricas, estressores crônicos e fragilidades institucionais se articulam na intensificação do risco de uso problemático. Identificaram-se ainda impactos epidemiológicos expressivos, como aumento da morbimortalidade e ampliação das demandas assistenciais, além de repercussões psicossociais relacionadas ao sofrimento mental, estigma e rupturas familiares. Conclui-se que a dependência química resulta de múltiplas determinações, exigindo respostas intersetoriais, fortalecimento da Atenção Primária, integração entre rede psicossocial e políticas de Redução de Danos.

**Palavras-chave:** Dependência Química. Determinantes Sociais da Saúde. Impactos Epidemiológicos. Saúde Coletiva. Transtornos Relacionados ao Uso de Substâncias. Vulnerabilidades Sociais.

## **ABSTRACT**

Chemical dependency is a complex phenomenon influenced by social, structural, and environmental determinants that shape vulnerabilities throughout the life cycle. The literature shows that socioeconomic inequalities, racial discrimination, precarious work, socially toxic environments, and limited access to health services influence patterns of use and the worsening of problems associated with the consumption of psychoactive substances. Given the epidemiological and healthcare relevance of this scenario, this study aimed to identify social, structural, and environmental determinants linked to chemical dependency and its impacts on public health. This is a narrative literature review, conducted through searches in the SciELO, PubMed/MEDLINE, LILACS, BVS, and Google Scholar databases, including studies published between 2002 and 2025. The analysis of the seven selected studies showed that social vulnerabilities, psychiatric comorbidities, chronic stressors, and institutional weaknesses combine to intensify the risk of problematic use. Significant epidemiological impacts were also identified, such as increased morbidity and mortality and expanded healthcare demands, in addition to psychosocial repercussions related to mental suffering, stigma, and family breakdowns. It is concluded that substance dependence results from multiple determinants, requiring intersectoral responses, strengthening of Primary Care, integration between the psychosocial network, and harm reduction policies.

**Keywords:** Substance Dependence. Social Determinants of Health. Epidemiological Impacts. Public Health. Substance Use Disorders. Social Vulnerabilities.

## **RESUMEN**

La dependencia química es un fenómeno complejo influenciado por determinantes sociales, estructurales y ambientales que configuran las vulnerabilidades a lo largo del ciclo de vida. La literatura muestra que las desigualdades socioeconómicas, la discriminación racial, el trabajo precario, los entornos socialmente tóxicos y el acceso limitado a los servicios de salud influyen en los patrones de consumo y en el agravamiento de los problemas asociados al consumo de sustancias psicoactivas. Dada la relevancia epidemiológica y sanitaria de este escenario, el objetivo de este estudio fue identificar los determinantes sociales, estructurales y ambientales relacionados con la dependencia química y sus repercusiones en la salud pública. Se trata de una revisión narrativa de la literatura, realizada mediante búsquedas en las bases de datos SciELO, PubMed/MEDLINE, LILACS, BVS y Google Scholar, que incluye estudios publicados entre 2002 y 2025. El análisis de los siete estudios seleccionados mostró que las vulnerabilidades sociales, las comorbilidades psiquiátricas, los factores de estrés crónicos y las debilidades institucionales se combinan para intensificar el riesgo de uso problemático. También se identificaron impactos epidemiológicos significativos, como el aumento de la morbilidad y la mortalidad y la ampliación de las demandas de atención sanitaria, además de las repercusiones psicosociales relacionadas con el sufrimiento mental, el estigma y las rupturas familiares. Se concluye que la dependencia de sustancias es el resultado de múltiples determinantes, que requieren respuestas intersectoriales, el fortalecimiento de la atención primaria, la integración entre la red psicosocial y las políticas de reducción de daños.

**Palabras clave:** Dependencia Química. Determinantes Sociales de la Salud. Impactos Epidemiológicos. Salud Colectiva. Trastornos Relacionados con el Uso de Sustancias. Vulnerabilidades Sociales.

## 1 INTRODUÇÃO

A dependência química é compreendida como fenômeno relacionado a condições sociais, estruturais e ambientais que influenciam padrões de uso e agravos associados. A Organização das Nações Unidas registrou que cerca de 271 milhões de pessoas utilizaram alguma substância psicoativa no mundo e 35 milhões apresentaram transtornos relacionados ao uso (Ronzani *et al.*, 2023). No Brasil, o 3º Levantamento Nacional sobre o Uso de Drogas identificou que 3,2% da população entre 12 e 65 anos fez uso de substâncias ilícitas nos 12 meses anteriores à pesquisa, o equivalente a 4,9 milhões de pessoas, com maior prevalência entre homens e jovens adultos (Fiocruz, 2019).

Isso mostra que a abrangência do consumo e inserem a dependência química como questão de interesse para a saúde coletiva. A inclusão crescente de substâncias ilícitas em diferentes territórios amplia o impacto epidemiológico do fenômeno (Paz e Silva; Marinho; Bueno 2023). A dependência química está associada a determinantes sociais que estruturam condições de vida, trabalho, moradia e vínculos comunitários. Elementos como renda, território, desigualdades raciais, condições ambientais e estruturas sociais figuram como componentes frequentemente vinculados ao uso de substâncias (Ronzani *et al.*, 2023).

A perspectiva da determinação social descreve que condições políticas, econômicas e culturais moldam processos de adoecimento e organizam a distribuição desigual de agravos entre grupos populacionais. Essa abordagem identifica que desigualdades sociais influenciam padrões de saúde e doença, incluindo a dependência de substâncias psicoativas (Dimenstein *et al.*, 2017). Entre determinantes estruturais, fatores como pobreza, exclusão, precarização das relações de trabalho e desigualdades históricas são apontados como elementos relacionados à vulnerabilidade ao uso de drogas. A literatura identifica que condições sociais adversas determinam trajetórias de saúde e moldam formas específicas de adoecimento (Galea; Vlahov, 2002).

O campo da saúde coletiva também aborda a dependência química como questão atravessada por desigualdades raciais e experiências de discriminação. Os impactos do racismo e de ambientes socialmente tóxicos são descritos como elementos que integram processos sociais amplos relacionados ao uso de substâncias (Amaro *et al.*, 2021). Em escala global, o consumo de álcool foi responsável por cerca de 2,6 milhões de mortes em 2019, das quais 1,6 milhão por doenças não transmissíveis, 700 mil por lesões e 300 mil por doenças transmissíveis; estima-se ainda que 400 milhões de pessoas (7% da população mundial  $\geq 15$  anos) vivam com transtornos relacionados ao uso de álcool, incluindo 209 milhões com dependência, configurando importante parcela da carga de doenças associada às substâncias psicoativas e à demanda assistencial nos sistemas de saúde (WHO, 2024).

Nas áreas rurais brasileiras, determinantes sociais como redes familiares, condições de trabalho e características socioterritoriais aparecem associados ao uso abusivo e à dependência de drogas. Definições ampliadas de ruralidade incluem populações de campos, florestas, áreas remotas, comunidades ribeirinhas e localidades de difícil acesso. A prevalência de uso nocivo de substâncias em territórios rurais apresenta particularidades relacionadas ao acesso limitado a serviços, dificuldades estruturais e contextos sociais específicos. Esses elementos compõem parte importante do entendimento da dependência química enquanto processo socialmente determinado (Paz e Silva; Marinho; Bueno 2023).

Nota-se que o uso de substâncias se estrutura na interação entre indivíduo, substância e meio social. Esse modelo analítico considera que características ambientais e sociais influenciam padrões de consumo e suas repercussões, compondo uma base interpretativa para fenômenos associados ao uso problemático (Ronzani *et al.*, 2023). Condições estruturais como emprego, escolaridade, moradia e segurança comunitária figuram-se entre os determinantes sociais relacionados ao uso de substâncias, integrando fatores econômicos e ambientais que participam da definição de trajetórias de consumo (Lin *et al.*, 2024).

Diante desse conjunto de elementos, define-se o problema de pesquisa: de que forma os determinantes sociais, estruturais e ambientais influenciam a dependência química e quais impactos epidemiológicos, psicossociais e assistenciais decorrem desse processo no âmbito da saúde coletiva? Ademais o objetivo desse estudo é identificar determinantes sociais, estruturais e ambientais relacionados à dependência química.

## **2 METODOLOGIA**

A presente pesquisa caracteriza-se como uma revisão narrativa da literatura, delineada com o objetivo de reunir, organizar e apresentar conhecimentos atualizados sobre determinantes sociais, estruturais e ambientais relacionados à dependência química, bem como seus impactos epidemiológicos, psicossociais e assistenciais no âmbito da saúde coletiva. Esse tipo de revisão possibilita a construção de sínteses amplas e interpretativas sobre fenômenos complexos, permitindo integrar diferentes perspectivas teóricas e evidências científicas disponíveis na literatura especializada.

O estudo foi conduzido entre os meses de Setembro a Outubro de 2025, abrangendo fontes nacionais e internacionais. Para a busca bibliográfica, selecionaram-se as bases SciELO, PubMed/MEDLINE, Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), LILACS, e Google Scholar. Também foram incluídos relatórios oficiais de organismos internacionais, como a Organização Mundial da Saúde (OMS), além de documentos técnicos institucionais relacionados ao tema.

A estratégia de busca utilizou combinação de descritores controlados e não controlados, alinhados aos vocabulários DeCS/MeSH, incluindo: “determinantes sociais da saúde”, “dependência química”, “transtornos relacionados ao uso de substâncias”, “saúde coletiva”, “impactos epidemiológicos” e “vulnerabilidades sociais”. Empregaram-se operadores booleanos AND e OR para maximizar a sensibilidade das buscas e recuperar estudos pertinentes ao escopo do trabalho.

Os critérios de inclusão contemplaram publicações entre 2002 a 2025, em português, inglês ou espanhol, que abordassem direta ou indiretamente os elementos centrais da pesquisa: determinantes sociais, estruturais e ambientais; dependência de substâncias psicoativas; impactos epidemiológicos; repercussões psicossociais; e implicações assistenciais para sistemas de saúde. Foram aceitos artigos originais, revisões sistemáticas ou narrativas, documentos técnicos, relatórios institucionais. Excluíram-se materiais que não apresentassem rigor metodológico, textos com foco exclusivamente biológico ou farmacológico sem articulação com determinantes sociais, duplicados e estudos inconclusos.

O processo de seleção ocorreu em duas etapas: (1) triagem inicial por leitura de títulos e resumos, para identificar afinidade temática; e (2) leitura integral dos textos elegíveis, visando confirmar sua pertinência e potencial contribuição ao objetivo da revisão. A extração dos dados considerou informações referentes ao contexto social, características ambientais, elementos estruturais, prevalência e mortalidade associadas ao uso de substâncias, assim como apontamentos sobre organização dos serviços e desafios assistenciais.

Por se tratar de estudo baseado em fontes secundárias, sem envolvimento direto de seres humanos, esta pesquisa dispensa apreciação por Comitê de Ética em Pesquisa, conforme Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde. Toda a construção metodológica seguiu princípios de integridade científica, rigor documental e responsabilidade ética na utilização e interpretação das fontes.

### **3 RESULTADOS E DISCUSSÃO**

A Tabela 1 sintetiza as principais características metodológicas e os achados centrais dos sete estudos incluídos, possibilitando uma visualização integrada das abordagens adotadas sobre dependência química em diferentes fases da vida e contextos sociais. Essa organização permite identificar padrões, contrastes e convergências entre os estudos, além de orientar a discussão analítica.

Observa-se uma diversidade de metodologias, populações e perspectivas teóricas, reforçando o caráter multidimensional da dependência química. A interpretação conjunta desses achados fornece subsídios para compreender como fatores psicossociais, estruturais, clínicos e comunitários se



articulam na construção da vulnerabilidade ao uso de substâncias. Dessa forma, a tabela constitui base para o aprofundamento crítico das evidências apresentadas ao longo dos parágrafos seguintes.

Tabela 1 – Características dos Estudos Incluídos.

Autor/Ano	Método	População/Contexto	Principais Achados
Trucco (2020)	Revisão	Adolescentes	Influências parentais, escolares e de pares na iniciação do uso.
Mendes <i>et al.</i> (2019)	Revisão sistemática	População em situação de rua	Pobreza, estigma e desigualdade como eixos estruturantes.
Oliveira <i>et al.</i> (2021)	Revisão integrativa	Atenção Primária	Limitações das práticas centradas no risco e necessidade de RD ampliada.
Barbosa <i>et al.</i> (2024)	Revisão	Dependentes químicos com comorbidades	Elevada prevalência de transtornos mentais e desafios diagnósticos.
Mendes (2017)	Relato de experiência	Usuários em reabilitação	Esporte como instrumento de fortalecimento psicossocial.
Bonatti <i>et al.</i> (2025)	Estudo qualitativo	Idosos dependentes	Invisibilidade institucional e desigualdades agravadas no envelhecimento.
Amaro <i>et al.</i> (2021)	Revisão	Vulnerabilidades sociais	Racismo, estressores crônicos e ambientes tóxicos como fatores estruturais.

Fonte: Elaborado pelos autores, 2025.

A articulação dos achados demonstra que a dependência química emerge da interação complexa entre fatores sociais, psicológicos e biológicos, evidenciando vulnerabilidades distintas conforme o ciclo de vida. Trucco (2020) destaca que a iniciação do uso na adolescência é fortemente modulada por pares e dinâmicas escolares, enquanto Amaro *et al.* (2021) mostra que estressores estruturais podem atuar desde a infância, produzindo vulnerabilidade precoce. A complementaridade entre os estudos revela que elementos individuais e contextuais se sobrepõem de maneira contínua, indicando que intervenções preventivas devem considerar ambientes sociais ampliados para além do comportamento individual.

Os estudos alinham-se ao indicar que desigualdades socioeconômicas intensificam os riscos associados ao uso de substâncias, embora em populações distintas. Mendes *et al.* (2019) aponta que pobreza extrema, estigma e exclusão moldam trajetórias de uso na população em situação de rua, enquanto Bonatti *et al.* (2025) revela que idosos em condição de vulnerabilidade enfrentam negligência institucional e ausência de políticas específicas, isso indica que a desigualdade opera como fator transversal no ciclo vital, reforçando vulnerabilidades acumuladas.

A literatura mostra que estressores sociais contínuos influenciam a saúde mental e o consumo de substâncias. Amaro *et al.* (2021) explica que ambientes tóxicos e racismo geram respostas fisiológicas desadaptativas, ao passo que Barbosa *et al.* (2024) reconhece elevadas taxas de depressão e ansiedade entre dependentes químicos, essa relação indica que a vulnerabilidade social, somada às comorbidades psiquiátricas, intensifica o risco de progressão do uso e dificulta estratégias de cuidado.

Intervenções psicossociais baseadas em práticas esportivas destacaram um potencial terapêutico relevante. Mendes (2017) mostra que a atividade física auxilia no desenvolvimento de autoestima, disciplina e resiliência, resultados que contrastam com Oliveira *et al.* (2021), ratifica fragilidades importantes nas práticas de Atenção Primária, ainda centradas em modelos biomédicos. A análise mostra que abordagens de fortalecimento subjetivo podem ser mais efetivas quando alinhadas a ações comunitárias e territoriais.

A adolescência é apresentada como fase de elevada vulnerabilidade à experimentação e ao uso de substâncias. Trucco (2020) explica que normas permissivas e influência dos pares desempenham papel central nesse processo. Comparando esses achados com Amaro *et al.* (2021), observa-se que fatores estruturais como discriminação e desigualdade antecedem e moldam esses comportamentos. Assim, o uso na adolescência não pode ser interpretado isoladamente das condições socioeconômicas que estruturam a vida dos jovens. Entre pessoas em situação de rua, Mendes *et al.* (2019) expõe que o uso de substâncias relaciona-se a trajetórias marcadas por violência, rupturas familiares e estigmatização. Paralelamente, Barbosa *et al.* (2024) reforça que dependentes químicos apresentam grande carga de sofrimento psíquico, independentemente do contexto social, com isso, nota-se que vulnerabilidades estruturais e psicológicas se somam, ampliando a complexidade da dependência e exigindo.

Segundo Oliveira *et al.* (2021) a Atenção Primária ainda carece de estratégias mais robustas de Redução de Danos e de enfrentamento dos determinantes sociais. Esse achado contrasta com a proposta de Mendes (2017), que mostra resultados significativos por meio de práticas baseadas em fortalecimento subjetivo. A diferença evidencia a necessidade de reorientar a APS para modelos ampliados que integrem abordagens preventivas, psicossociais e comunitárias.

No envelhecimento, Bonatti *et al.* (2025) traz que a dependência química é agravada pela invisibilidade institucional e pela falta de políticas voltadas à terceira idade. Esse cenário contrasta com o foco crescente em estratégias preventivas voltadas à adolescência identificado por Trucco (2020). Ambientes marcados por discriminação racial e desigualdade produzem impactos fisiológicos mensuráveis, conforme descrito por Amaro *et al.* (2021). Esses efeitos encontram paralelo nos achados de Barbosa *et al.* (2024), que identificam maior prevalência de transtornos mentais em dependentes. A análise integrada sugere que vulnerabilidade social e sofrimento emocional compõem um ciclo que retroalimenta comportamentos de risco.

Por outro lado, Mendes *et al.* (2019) descreve que a exclusão social precede o uso como tentativa de enfrentamento de adversidades, enquanto Oliveira *et al.* (2021) mostra que a APS não possui mecanismos suficientes para mitigar esses determinantes. O confronto evidencia falhas



estruturais que perpetuam ciclos de pobreza e uso problemático, ampliando demandas sobre os serviços de saúde. As práticas esportivas descritas por Mendes (2017) salientam que intervenções baseadas em vínculos positivos possuem potencial para reduzir comportamentos de risco e fortalecer aspectos subjetivos. Já Trucco (2020), que reconhece a importância de redes de apoio e ambientes escolares na prevenção do uso. O confronto demonstra que experiências de suporte podem mitigar vulnerabilidades sociais e reduzir a probabilidade de iniciação ou agravamento do consumo.

Entre idosos, Bonatti *et al.* (2025) evidenciam estigmas associados à incapacidade e abandono, somados à limitada oferta de suporte assistencial, configurando um cenário de vulnerabilidade ampliada. Em comparação, Barbosa *et al.* (2024) descrevem comorbidades complexas entre pessoas dependentes, revelando que o avanço da idade intensifica tanto os desafios clínicos quanto as fragilidades sociais. Esse diálogo entre os estudos ressalta a necessidade de políticas integradas que articulem saúde mental, proteção social e continuidade do cuidado.

Amaro *et al.* (2021) propõem uma abordagem top-down que reconhece o peso dos determinantes sociais na formação dos comportamentos individuais. Essa leitura se articula às contribuições de Oliveira *et al.* (2021), que defendem práticas emancipadoras na Redução de Danos, enfatizando a autonomia e o fortalecimento dos usuários. A relação entre essas perspectivas indica que políticas públicas efetivas devem incidir de forma combinada sobre condicionantes estruturais e sobre as práticas cotidianas nos serviços.

Os sete estudos indica que a dependência química resulta de um acúmulo de vulnerabilidades que variam conforme o ciclo de vida, contexto social e condições estruturais. Fatores psicossociais, desigualdades, comorbidades psiquiátricas e fragilidades institucionais atuam de forma interdependente, demonstrando a insuficiência de estratégias isoladas. Os achados reforçam a necessidade de modelos integrados de cuidado que articulem a Atenção Primária, assistência social e intervenções comunitárias de base territorial, garantindo respostas proporcionais às especificidades de cada grupo populacional.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A análise realizada permitiu responder à pergunta de pesquisa, demonstrando que a dependência química é resultado da interação entre determinantes sociais, estruturais e ambientais que moldam vulnerabilidades ao longo do ciclo de vida. Os estudos examinados evidenciam que pobreza, discriminação, exclusão social, fragilidades institucionais, comorbidades psiquiátricas e ausência de políticas específicas constituem fatores que aprofundam a vulnerabilidade ao uso de substâncias e influenciam o agravamento dos quadros clínicos.

Ademais, identificou-se que esses determinantes produzem impactos epidemiológicos expressivos, elevando morbimortalidade, ampliando demandas assistenciais e intensificando desigualdades territoriais e socioeconômicas. No campo psicossocial, o uso problemático se associa a rupturas familiares, estigmatização e sofrimento mental, enquanto na dimensão assistencial, destacam-se limites da Atenção Primária, carência de estratégias de Redução de Danos e escassez de redes integradas de cuidado.

Quanto às limitações do estudo, reconhece-se que a revisão narrativa não segue protocolos sistemáticos rígidos, o que pode restringir a amplitude da literatura consultada e favorecer vieses interpretativos. Além disso, parte das produções científicas relevantes não estava disponível de forma integral, impossibilitando uma análise mais aprofundada. A heterogeneidade metodológica dos estudos selecionados também limita comparações diretas e a generalização de achados para todos os contextos populacionais. Ainda assim, o conjunto das evidências reunidas fornece suporte consistente para a compreensão ampliada do fenômeno e dos seus determinantes.

Com base nos resultados, apresentam-se recomendações para pesquisa e prática assistencial. Sugere-se o desenvolvimento de estudos longitudinais que explorem o impacto acumulado dos determinantes sociais ao longo da vida, bem como investigações que incluam populações invisibilizadas, como idosos dependentes, pessoas em situação de rua e moradores de territórios rurais. Na prática profissional, recomenda-se fortalecer políticas intersetoriais que articulem saúde, assistência social, educação e justiça, além de ampliar estratégias de Redução de Danos centradas na autonomia e no cuidado territorializado. Destaca-se ainda a necessidade de capacitação contínua das equipes da Atenção Primária, implementação de protocolos que abordem fatores estruturais e criação de serviços que integrem atenção psicossocial e suporte comunitário, possibilitando respostas mais efetivas às múltiplas dimensões da dependência química.

## REFERÊNCIAS

- AMARO, Hortensia *et al.* Social vulnerabilities for substance use: stressors, socially toxic environments, and discrimination and racism. **Neuropharmacology**, v. 188, n. 108518, p. 1-12, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.neuropharm.2021.108518>
- BARBOSA, Wuerles Bessa *et al.* Dependência química em comorbidades psiquiátricas e psicológicas: causas de prevalências e seus efeitos. **Brazilian Journal of Implantology and Health Sciences**, v. 6, n. 3, p. 243-261, 2024. DOI: <https://doi.org/10.36557/2674-8169.2024v6n3p243-261>
- BONATTI, Daniel Eduardo *et al.* A dependência química ao longo da vida: desafios e superações na velhice. **Revista Foco**, v. 18, n. 4, e8334, 2025. DOI: <https://doi.org/10.54751/revistafoco.v18n4-119>
- FIOCRUZ, Fundação Osvaldo Cruz. Pesquisa revela dados sobre o consumo de drogas no Brasil. **Fiocruz Notícias**, Rio de Janeiro, 08 ago. 2019. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/noticia/pesquisa-revela-dados-sobre-o-consumo-de-drogas-no-brasil>.
- GALEA, Sandro; VLAHOV, David. Social determinants and the health of drug users: socioeconomic status, homelessness, and incarceration. **Public Health Reports**, v. 117, supl. 1, p. S135–S145, 2002. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC1913691/>.
- LIN, Chunqing *et al.* A scoping review of social determinants of health's impact on substance use disorders over the life course. **Journal of Substance Use and Addiction Treatment**, v. 166, p. 209484, 2024. DOI: 10.1016/j.josat.2024.209484. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC11418584/>.
- MENDES, Kíssila Teixeira *et al.* População em situação de rua, vulnerabilidades e drogas: uma revisão sistemática. **Psicologia & Sociedade**, v. 31, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1590/1807-0310/2019v31169056>
- MENDES, Marcelo Simões. Dependência química e fortalecimento psicossocial pelas práticas esportivas. **Estudos de Psicologia** (Natal), v. 22, n. 3, p. 233-243, 2017. DOI: 10.22491/1678-4669.20170029.
- OLIVEIRA, Luíza Carraschi de *et al.* Práticas de Atenção Primária à Saúde na área de drogas: revisão integrativa. **Saúde em Debate**, v. 45, n. 129, p. 1-16, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1590/0103-1104202112920>
- PAZ E SILVA, Andressa Cavalcante; MARINHO, Jaqueline Luvisotto; BUENO, Daniela Samara de Souza. Determinantes da saúde relacionados ao abuso e dependência de drogas na população rural: revisão integrativa. **Saúde (Santa Maria)**, v. 49, n. 2, e73714, 2024. DOI: 10.5902/2236583473714. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/revistasaude/article/view/73714>.
- RONZANI, Telmo Mota *et al.* Determinantes sociais e dependência de drogas: revisão sistemática da literatura. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 39, e39407, 2023. DOI: 10.1590/0102.3772e39407.pt. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ptp/a/xHnhFJvcBkdm3MqgFNZRPNH/abstract/?lang=pt>.

TRUCCO, Elisa M. A review of psychosocial factors linked to adolescent substance use. **Pharmacology Biochemistry and Behavior**, v. 196, p. 172969, 2020. DOI: 10.1016/j.pbb.2020.172969.

WHO, World Health Organization. Álcool. **Fichas Informativas**, 28 jun. 2024. Disponível em: <https://www.who.int/pt/news-room/fact-sheets/detail/alcohol>.